

Este livro de C. Dreyfus permite portanto, como vimos, fazer uma certa caminhada por entre os diferentes tipos de grupos e de conduzir ao mesmo tempo uma reflexão crítica sobre o movimento humanista.

Brigitte Detry Cardoso e Cunha

M. Andolfi, *A Terapia Familiar* (Col. Universidade/Ciências do comportamento), Lisboa, Vega, 1981.

A preocupação com a família como objecto de intervenção psicológica surgiu nos E.U.A. e teve nos anos 50 um grande desenvolvimento, quer ao nível das técnicas de intervenção, quer ao nível teórico. Neste campo surgiram teorizações radicalmente diferentes dos modelos psicológicos, então existentes, utilizando uma conceptualização das dinâmicas do grupo familiar contributo da T.G.S. (Teoria geral dos sistemas), da Cibernetica, da T.C. (Teoria da comunicação), etc.

É nesta perspectiva sistémica que se enquadra esta obra de M. Andolfi, o primeiro livro sobre terapia familiar a ser editado em Portugal.

A família é vista como um sistema aberto, auto-regulado e tendo por objectivo assegurar o crescimento psico-social dos seus membros mantendo-se através dum equilíbrio dinâmico entre mecanismos de homeostase e mecanismos de transformação.

Fundamentalmente, prespectivando os problemas individuais numa óptica sistémica, abandona-se o modelo causal linear que está subjacente a todos os modelos de intervenção psicológica tradicionais, passando-se a abordar o comportamento individual como uma função do sistema relacional em que o indivíduo está inserido e por consequência influenciando e sendo influenciado pela totalidade desse sistema: Bertalanffy define um sistema como uma ordem dinâmica de partes e processos entre os quais se exercem interacções recíprocas. Um sistema é portanto uma totalidade e a modificação de um dos seus elementos provoca a modificação de todo o sistema, modificação essa que se vai repercutir de novo sobre o elemento «inicial», circularmente. Assim, só arbitrariamente se pode definir o «ponto de partida» numa sequência de factos ocorridos no sistema. Passa-se então de um modelo linear de causalidade para um modelo de causalidade circular.

Em termos do modelo terapêutico esta perspectiva traduz-se pela abordagem global do grupo familiar, pela obser-

vação das *redundâncias comportamentais* entre os seus membros reveladoras das regras do sistema, pela tentativa de situar o sintoma manifesto num dos seus membros na rede de relações existentes entre eles, isto é, interpretar o sintoma individual como uma mensagem cujo significado nos é revelado pelo contexto relacional em que surge.

Neste livro, Andolfi descreve a passagem do modelo de intervenção psicológica individual para o modelo sistémico, numa perspectiva essencialmente prática, fornecendo pistas para a actuação, numa situação terapêutica bastante mais complexa em que a atenção se desloca da problemática individual para as relações existentes entre os membros de um grupo com uma história e regras de funcionamento próprias.

Andolfi descreve as várias fases da primeira entrevista, salientando a passagem de uma posição inicialmente central do terapeuta, na qual ele se dirige individualmente a cada membro da família pedindo uma descrição do problema para uma posição mais periférica em que observa a família em interacção, discutindo o problema apresentado.

Na 1.^a fase a posição central do terapeuta permite-lhe recolher informações sobre o problema, as expectativas da família em relação à terapia e o grau de autonomia individual dos seus membros. Ao mesmo tempo estabelece de forma implícita uma das regras fundamentais que é o direito à livre expressão por parte de cada um dos membros da família.

Numa 2.^a fase, activando as comunicações directas entre os membros da família sobre o problema ou outras questões relacionadas, o terapeuta ocupa uma posição menos central recebendo deste modo informações sobre a estrutura da família e os seus padrões transacionais o que lhe permite construir hipóteses sobre as sequências interactivas funcionais (isto é, que permitem à família atingir os seus objectivos) e sequências disfuncionais (que mantêm a homeostase familiar à custa dum dos seus membros). O objectivo terapêutico é definido a partir destas observações de forma a implicar todos os membros da família na resolução do problema.

Um dos obstáculos a que o sistema familiar actualize as suas capacidades de resolução dos problemas é o conjunto de definições, afectos e atitudes relativos ao problema que traz para a situação terapêutica. Andolfi estabelece como um dos primeiros movimentos terapêuticos a redefinição de um «contexto de loucura», tipo de situação em que a família aceita tudo o que o doente identificado faz «porque ele é louco», que pode ser feita pelo terapeuta utilizando a sua própria «loucura», isto é, demonstrando o aspecto reversível e voluntário do papel de

«louco», retirando assim à loucura o seu aspecto de qualquer coisa incontrollável e irremediável.

A redifinição do contexto e a redifinição do problema da família são dois aspectos fundamentais da terapia familiar. Visam ambos reactivar as capacidades auto-terapêuticas do sistema familiar, torná-lo protagonista da sua própria mudança, situando o problema num contexto interactivo, isto é, «definir-lo como resultante de e influenciando os padrões interacionais da família e, por consequência controlável e utilizável no desenvolvimento dessas mesmas formas de relacionamento».

Andolfi refere-se ainda aos métodos específicos de intervenção nomeadamente às prescrições utilizadas como meio de obter mudança. Porque o conceito de mudança é sujeito também a uma redefinição no contexto sistémico familiar (não se trata de resolver os sintomas dum indivíduo, mas intervir profundamente em todos os membros do sistema familiar, facilitando-lhes a descoberta de novos modelos transacionais que eliminem a necessidade do comportamento sintomático) as prescrições como meio de mudança constituem em si uma redefinição das técnicas de intervenção terapêutica. Isto porque elas são dirigidas directa ou indirectamente a toda a família ou a alguns dos seus membros e não mais ao indivíduo sintomático como nas abordagens tradicionais. Além disso, as prescrições são usadas não só para promover a mudança mas também para criar um certo ambiente terapêutico (com determinadas regras) e para amplificar o processo terapêutico quando assumem a forma de «trabalho de casa». O que é importante é o valor de comunicação que têm estas prescrições, como mensagens dirigidas implícita ou explicitamente a todo o sistema, e às quais este vai reagir na sua totalidade.

Um dos aspectos que nos parece mais interessantes neste livro é a preocupação que Andolfi manifesta em relação aos outros sistemas, à sociedade mais global, com os quais o sistema familiar interage: «a intervenção familiar torna-se também parcial e não consistente com as suas premissas teóricas, se não permitir a inclusão no seu campo de pesquisas das outras realidades significativas que interagem com a família, ou seja a escola, o trabalho de amigos, o trabalho dos pais, o bairro, a vizinhança», etc.

Esta preocupação, que não é tão evidente entre os autores norte-americanos, à excepção de Salvador Minuchin (que é aliás abundantemente citado neste livro) é quanto a nós, extremamente importante por recolocar os aspectos teóricos e técnicos num contexto social e político, cultural e económico mais

alargado, evitando assim a esterelização «tecnocrática» de terapia familiar.

Assim, a perspectiva alargada deste livro, bem como o seu carácter prático e a sua linguagem clara, possibilitam uma iniciação razoável à perspectiva sistémica em terapia familiar, apesar de apresentação algo superficial dos conceitos teóricos mais fundamentais (agravada pela ausência total de referências bibliográficas).

José Keating
Filomena Jordão
José Paulo Almeida